



Ana Lúcia Monteiro de Macedo

**“A Descoberta da sexualidade pelos  
alunos da educação infantil”.**

Rio de Janeiro

2001

Ana Lúcia Monteiro de Macedo

**“A Descoberta da sexualidade pelos  
alunos da educação infantil”.**

Rio de Janeiro

2001

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA MONOGRAFIA

Reitor: Pietro Novelino

Decano: Maria José M. C. de Macedo Wehling

Diretora: Dayse Martins Hora

Chefe do Departamento: Mônica Cerbella Freire Mandarino

Professora: Mônica Sibila Freire Mandarino

***“A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE PELOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO  
INFANTIL”.***

**ANA LÚCIA MONTEIRO DE MACEDO**

Monografia apresentada à Escola de Educação da  
Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO - para  
obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia.  
Professora Orientadora: Maria Amélia Souza Reis

Rio de Janeiro

2001

MACEDO, Ana Lúcia Monteiro de. **A descoberta da sexualidade pelos alunos da educação infantil.** 2001. 43 f. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia)—Escola de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

M151 Macedo, Ana Lúcia Monteiro de.  
A descoberta da sexualidade pelos alunos da  
educação infantil. - 2001.  
43 f.

Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia)  
- Escola de Educação, Universidade do Rio de Ja-  
neiro, 2001.

1. Educação sexual - crianças. I. Título.

CDD - 372.372  
CDU - 613.88-053.44

Dedico esta monografia ao meu querido pai, Pedro, que de onde ele estiver sei que  
está torcendo pelo meu sucesso...

## AGRADECIMENTOS

... à minha mãe e meus irmãos, pelo simples fato de estarem ao meu lado;

... aos meus avós, que vivos, viram a realização do meu grande sonho;

... às minhas amigas e amigos: Acácia, Andréa " CHICÃO" Branco, Alessandra, Amanda, Rosália, Emerson, entre outros, por fazerem deste curso mais alegre;

... à minha amiga especial Raquel, que muito me ajudou na realização deste e de todos os outros projeto e trabalhos realizados durante esses anos de faculdade e também pela sua grandiosa e valiosa amizade. Que dure para sempre;

... à todos que passaram na minha vida durante o período acadêmico, o meu muito obrigado;

... aos meus mestres, que muito me ensinaram;

... à minha super amiga Patrícia, que me acompanhou nesta longa e difícil caminhada e sempre me ajudou no que pode;

... à minha orientadora Maria Amélia, pelo pouco tempo de trabalho mais pelo muito que me ajudou;

... ao meu namoro Rodrigo, pela paciência, pelo seu carinho e principalmente pelo seu amor.

*"Uma criança sempre pode ensinar três coisas a um adulto: a ficar contente sem motivo, a estar sempre ocupada com alguma coisa, e, a saber, exigir – com toda força – aquilo que deseja".*

**Paulo Coelho.**



## RESUMO

Esse trabalho vem mostrar como ocorre a descoberta da sexualidade dentre os alunos da educação infantil, baseados nos estudos de Michel Foucault e Sigmund Freud, onde cada autor vê a sexualidade de ângulos diferentes – um pelo social e o outro pelo psicológico - e não estão ligadas. Tem como objetivo identificar os problemas e as dificuldades apresentadas pelos pais e, principalmente, pelos professores que não possuem base para esclarecer questões ligadas ao sexo, mesmo sendo algo de total natureza humana e que para as crianças é algo que se desperta com a curiosidade e não está ligada ao ato em si. Esta monografia é feita com base em pesquisa bibliográfica onde alguns autores são citados para melhor esclarecimento das relações sexuais, e também, são usados os Parâmetros Curriculares da Educação Infantil para conhecer todo o programa de Educação Sexual utilizados dentro das escolas.

## SUMÁRIO

Introdução .....	09
1. Quem se deve educar? .....	12
2. A concepção de sexualidade para Michel Foucault e Sigmund Freud	
2.1 Concepção de poder em Michel Foucault .....	14
2.2 A construção da idéia de sexo nas teorias foucaultianas .....	20
2.3 O conceito de sexualidade em Sigmund Freud .....	23
2.4 De onde viemos? .....	29
3. A sexualidade dos alunos da educação infantil	
3.1 A sexualidade infantil .....	34
3.2 A manifestação da sexualidade na escola .....	37
4. Conclusão .....	40
5. Bibliografia .....	42

## INTRODUÇÃO

As raízes para o erotismo, para a sensualidade e para a sexualidade começam a se desenvolver desde a vida intra-uterina, onde o recém-nascido é capaz de interagir ativamente com o ambiente, portanto é um parceiro ativo na formação de relacionamento afetivo.

Quando nasce, o neném estabelece uma comunicação não-verbal uma relação corpo a corpo que vai transmitir mais que as próprias palavras. Esse corpo a corpo é feito com o aconchego do colo da mãe, com a amamentação, com o banho, com a troca de fralda, no embalo para dormir, e ao se sentir acolhido e querido se forma a base da relação de confiança, da possibilidade de entrega da sensação de estar recebendo amor.

É através de contato corpo a corpo, pele a pele e olho no olho que se entra em sintonia com o seu corpo sensível e que faz parte da grande descoberta fora do útero da mãe, e é a partir daí que a criança descobrirá que também é divertido e prazeroso tocar partes do seu corpo, principalmente os genitais, porque lhe proporciona um grande bem estar sendo em algumas etapas do desenvolvimento infantil uma situação bastante comum. A descoberta do corpo do outro só se faz através da descoberta do seu próprio corpo.

Para alcançar tais objetivos, tais como a sexualidade aflora dentro da cabeça da criança; como a sexualidade deve ser tratada por todos do convívio externo e interno da criança; entre outros que serão abordados ao longo desta monografia, dentro do plano teórico, busquei elementos na discussão do filósofo francês Michel Foucault sobre a sexualidade do homem. Entendendo sexualidade como um dispositivo histórico, como mecanismo de poder, Foucault nos informa que é justamente o poder quem nos estimula a revelar a sexualidade através de instituições como a escola, a família, a Igreja, entre outras. Portanto este revelar não significa a possibilidade de cada um de nós vivermos nossa sexualidade com plena liberdade. A escola como instituição é, dentro da perspectiva foucaultiana, um microespaço de poder, onde se desenvolve um discurso visando a produção de uma sexualidade única para todos os cidadãos.

É certo que a questão da sexualidade, antes de ser uma questão na e para escola, é uma questão da própria sociedade em que vivemos. A educação opera dentro da sociedade e com suas limitações, por isso não está ilesa às influências que surgem, daí a monografia aqui apresentada e, que se coloca como inserida ao cotidiano da escola.

Esse estudo consiste em relacionar essa sexualidade situada no campo do poder dentro da sala de aula, onde o professor se defronta com vários problemas que não lhe foram ensinados com livros e teorias, dentro do magistério ou no curso de adicional. A sexualidade vem se destacando como um grande problema nos primeiros anos dentro da escola por que é lá, onde existe a descoberta pelo seu corpo se dá e pela diferença que existe com o corpo do outro, aparece.

Outro ponto a ser estudado é a masturbação infantil, que na criança faz parte da sua descoberta sexual; assim como o menino descobre o pênis, a menina descobre a vagina e todas as sensações ligadas a esses órgãos. A masturbação é normal e freqüente a partir dos 04 anos ou até mesmo antes. Ela nada mais é que o emprego de um recurso para a satisfação e, conseqüentemente, contra a frustração e a raiva, o ódio e o medo que se seguem a isso. Na verdade, faz parte da auto-descoberta da criança e da verificação de que a estimulação dos genitais provoca sensações agradáveis. Uma vez descoberta, ela pode ser continuada e costuma ser mais freqüente em épocas de tensão, stress, tédio, monotonia ou para conduzir o sono. A masturbação é considerada normal quando ela se constitui apenas da manipulação da genitália, se é ocasional, discreta, em caráter privado; quando se torna exagerada passa a ser sinal de algum problema emocional.

É importante não haver punição, proibição ou censura de tais atos, pois, essas atitudes a obrigam a dar importância a gestos que ainda não têm significado, sendo algo que faz parte da vida normal.

A delimitação deste trabalho se restringe a uma pesquisa bibliográfica. Desta maneira, não existe um "campo" de pesquisa delimitado, entendido enquanto espaço físico, geográfico, cultural ou social; é centrada na investigação do pensamento de alguns autores que tratam a questão da sexualidade, sua concepção particular, bem como, os estudos relacionados à sexualidade das crianças.

Esta é apenas uma possibilidade de se discutir a questão da sexualidade dentro do âmbito escolar e a partir disso entender a sexualidade como uma questão também de cidadania, da qual afeta a sociedade, pais, alunos e principalmente professores. Este trabalho é uma contribuição que nos leva a refletir sobre alguns pontos referentes a nossa própria sexualidade, não só no âmbito da instituição educativa, mas na sociedade em geral.

Por fim, que esta leitura seja reveladora e prazerosa.

## CAPÍTULO 1

### QUEM SE DEVE EDUCAR?

Dentro dessas perspectivas pretendo analisar por meio de pesquisa bibliográfica; quais atividades adequadas para serem utilizadas pelos professores para se explicar a sexualidade sem incentivar os alunos à ela e até mesmo qual é o momento certo para se falar sobre o assunto de forma agradável e sem tornar uma ameaça para os pais. Mostrar aos alunos que diferença de sexo não está ligada somente ao físico, que homens e mulheres são iguais dentro da limitação de cada um.

Quem deve educar? Essa é uma questão básica para começar o ensino da Educação Sexual. Alguns acham que essa educação vem de casa e outros acham que somente a escola tem esse dever, porém devemos analisar dentro desses dois ângulos. Cabe uma parte a escola como meio de informação, a parte mais básica, as noções gerais. Aquela parte que ensina as diferenças, as funções, a anatomia, a procriação, etc. E a outra parte compete aos pais, a família, que podem de maneira amigável e natural inserir conversas dentro do dia – a – dia com as crianças gerando segurança e afeto aos seus filhos em relação a sua sexualidade. Partilhamento do cotidiano é o desafio da família para um desenvolvimento sexual favorável à felicidade.

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na idéia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família, porém toda a família realiza a educação sexual de suas crianças, mesmo aquelas que nunca falam diretamente no assunto. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem são carregados de determinados valores associados à sexualidade que a criança apreende.

O fato de a família Ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não e a forma como o faz determina em grande parte a educação das crianças. Pode-se afirmar que é no espaço privado,

portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais construirá sua sexualidade na infância.

A criança também sofre influência de muitas outras instâncias sociais: tais como a leitura de livros, a vivência do cotidiano da própria escola, a relação com as pessoas que não pertencem à sua família, e principalmente da mídia. Essas fontes atuam de maneira decisiva na formação sexual das crianças. A televisão veicula propagandas, filmes e novelas intensamente erotizados. Isso gera excitação e um incremento na ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais das crianças. Há programas jornalísticos/científicos e campanha de prevenção a AIDS que enfocam a sexualidade, veiculando informações dirigidas a um público adulto, porém que são assistidos pelas crianças que não podem compreender por completo o significado dessas mensagens e muitas vezes constroem conceitos e explicações errôneas e fantasiosas sobre a sexualidade, pois os adultos têm "vergonha" e explicar a situação e acaba por vezes explicando errado o que faz aguçar mais a curiosidade das crianças.

Por esse motivo a Educação Sexual deve ocorrer de forma totalmente natural e pode ser considerada como um tema especial, mesmo sendo, pois ela faz parte do cotidiano das crianças e do dia-a-dia dos adultos.

## CAPÍTULO 2

# A CONCEPÇÃO DE SEXUALIDADE PARA MICHEL FOUCAULT E SIGMUND FREUD

### 2.1 A CONCEPÇÃO DE PODER EM MICHEL FOUCAULT

A originalidade do autor é analisar a sexualidade dentro de uma ótica até então pouco discutida, vista como um dispositivo de poder e um operador de dominação. O que chama a atenção em sua análise é que ela se distancia da visão tradicional de um poder centrado nas mãos do Estado e na Lei, que reprime o sexo do homem. Ou seja, Foucault afasta-se da visão de uma repressão sobre o sexo indicando que o poder sobre ele se opera da mesma forma e em qualquer lugar. Para ele, a sexualidade do homem não sofreu, nos últimos três séculos, uma grande repressão, porém aconteceu o contrário, o sexo foi colocado numa rede de discurso onde se fala do sexo a todo o momento e em todos os lugares. Desta forma, as sociedades falaram muitas sobre sexo; o que não significa dizer que não houve uma interdição, e sim, que esta interdição não é um único objeto de estudo que possibilita entender como se escreveu a história da sexualidade a partir da Idade Moderna.

A “hipótese repressiva de Foucault” se entrelaça com sua concepção de poder, à medida que não conhece e não entende o poder como autoritário, centralizado e repressivo, exclusivamente do Estado e da Lei. Esta visão de poder ele chamou de “jurídico-discursiva”.

A soberania do Estado e a imposição da Lei são para Foucault (1992) apenas formas terminais de poder, ou seja, existe uma micropolítica de poder que faz com que o Estado e a Lei possam atuar juntos e com as mesmas idéias. Existe uma onipresença do poder, mas isso ocorre não porque esteja localizado em um único ponto, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e, outro e desta maneira, o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. Nesta concepção, o que se deve focalizar são os mecanismos de poder atuando sobre o indivíduo e sobre a sociedade, adquirindo caráter normalizador. Para Foucault (1992:244) um dispositivo é...



*Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações, arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo.*

Os dispositivos são formados pelos conjuntos de práticas discursivas ou não, podendo ultrapassar aquelas instâncias jurídicas de poder, ou seja, o Estado e a Lei. Essas práticas possuem uma tecnologia própria de sujeição, atuando numa dinâmica particular de poder, porque parece permitir o que não permite, fala o que não se pode falar e estimula a vontade do saber. Esses dispositivos de poder atuam como mecanismo articulados visando obter o controle sobre a vontade de indivíduo e da sociedade. Desta maneira temos o dito num dispositivo de poder. (Costa, 1979:50).

As práticas não discursivas – o não dito – se inscrevem na materialização do dispositivo como criação de instituições, das técnicas de organizações arquitetônicas para controle dos corpos dos indivíduos, nas decisões regulamentares, nas leis, nas medidas administrativas. Assim um dispositivo pode-se tornar em um discurso verbalizado, mas também não verbalizado, num discurso silencioso, declarado; pode aparecer na sociedade de maneira revelada. Estas discursividades são articuladas nas táticas e aos objetos de poder. Desta forma, através da teoria posta e das ações práticas, um dispositivo se impõe na sociedade normalizando a vida do indivíduo e de toda a sociedade, construindo o cidadão necessário a ela. Neste sentido, Foucault (1990) entende que a escola, o quartel, o hospital e a prisão são microespaços de poder, onde o dispositivo se faz muito presente. Portanto a sexualidade é um dispositivo histórico muito concreto de poder. Dentro de sua percepção, ela aparece nas sociedades como...

*Um ponto de passagem particularmente denso das relações de poder, entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população” (Foucault, 1990:98).*

O dispositivo de sexualidade se inscreve nas mais variadas relações de poder existentes na sociedade, do pai para o filho, do homem para a mulher, do professor para o aluno, do médico para o paciente, do governo para a população etc. desta maneira, a sexualidade mostra ser um dos elementos mais eficazes de controle sobre o sujeito e a sociedade (Reis, 2000).

Ainda perseguindo as teorias postas nas teses de Foucault o dispositivo de sexualidade vai atuar, sobretudo sobre o corpo do homem e é a partir do Século das Luzes que o corpo começa a ser descoberto com um objeto e como alvo de poder. O corpo se torna instrumento de desejo, de prazer, sendo um lugar privilegiado de sensações, lugar do sexo anato-biológico, como possibilidade de manifestação de uma sexualidade, o corpo trabalha, tem que ser controlado, disciplinado e vigiado. Porém, acima de tudo deve ser saudável. O bom corpo é o dominado e o produtivo.(Santos, 1996:09).

O poder é polivalente, ou seja, perpassa e envolve múltiplos lugares de espaço social o que acaba por definir alguns pontos de poder de onde irão surgir vários conceitos e a maior novidade é o conceito do poder como positividade, e também como criador de práticas e instituições, produtos até mesmo do próprio sujeito.

Este poder apresenta como características a organização do espaço, do tempo e a vigilância como principal instrumento de controle. Essas características se desenvolvem em um conjunto de instituições tais como a escola, o hospital, a prisão, o quartel e o convento. A disciplina atua sobre o corpo do homem, controlando seus gestos e comportamentos, tudo através de técnicas como teste, entrevista, interrogatórios, consultas, observações, constituindo-se em toda uma tecnologia de dominação. Essas técnicas de dominação classificam e objetivam os indivíduos, buscando-se identidades pessoais, como por exemplo, de padrão social coletivo. A classificação e a objetivação são aceitas, internalizadas e adotadas pelo indivíduo, que passa a ser controlado por si mesmo e de uma sociedade cuja é dita e considerada "normal". Com isso, as técnicas de dominação transformam os indivíduos em sujeitos, aqui no sentido de sujeição, em indivíduos subjugados.

A disciplina é uma postura, atitude, investigação, elemento de poder, uma técnica e um processo. Como explica Foucault (1994:22)

*A 'disciplina' não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma 'física' ou uma 'anatomia' do poder, uma tecnologia.*

Sendo assim a disciplina faz parte do conjunto de técnicas de poder que permitem aos profissionais em educação ou a existência de políticas geradora de discursos normalizadores do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade deste próprio indivíduo.

O conceito de disciplina também significa um processo que não pode mais ser separado do saber e do poder. Neste conceito, Foucault cita Marx (1968:03): *no processo de formação das sociedades capitalistas deu-se o desenvolvimento de um 'controle dos homens' ou docilização dos corpos, ou seja, existe uma lógica na relação de força que não está presente somente no processo de trabalho do homem, trabalho industrial e agrário, se estende para os asilos, as escolas, as casernas e as prisões.*

Um exemplo clássico que é citado por Foucault é o Panóptico de Bentham em *Vigiar e Punir*, ou seja, uma estrutura arquitetônica, criada especialmente para ser utilizado como prisões, em forma de anel na periferia, tendo uma torre central com largas janelas que se abrem para a parte interna do anel. A construção é dividida em celas que possuem, cada uma, duas janelas, uma voltada para o interior, em correspondência às janelas da torre, e a outra voltada para o exterior, onde permite a entrada da luz em toda sua extensão. A partir da torre central pode-se observar todas as celas. Assim das funções da masmorra - o trancar, privar da luz e esconder-no Panóptico, só se mantém o trancar. O efeito mais importante do Panóptico era introduzir no indivíduo um estado consciente e de visibilidade para o funcionamento automático do poder. Isto é bem representado pela escola tradicionalista, onde o poder está centralizado nas mãos dos professores, que são os detentores do saber e do poder, um poder totalmente capitalista, de acordo com a sociedade onde vivemos. Temos exemplos de escolas tradicionalista onde o regime é o internato, o aluno é "preso" dentro do colégio só podendo sair para visitar os pais com a permissão deles.

Foucault desenvolveu, a partir do conceito de Marx, o conceito de acumulação do homem, que é preciso docilizar o corpo previamente para poder explorá-lo. Sendo assim, o conceito de disciplina como métodos que permitem o controle das operações do corpo são sujeitos as constantes forças que afundam numa anatomia política do corpo. O poder é polivalente, ou seja, perpassa e abraça múltiplos lugares de espaço social o que acaba por definir alguns pontos de poder. Irão surgir vários conceitos e a maior novidade é o conceito do poder como positividade, e também como criador de práticas e instituições, produtos até mesmo do próprio sujeito.

Dentro do ponto de vista da Ciência Moderna, Foucault (1975) indica formas para o dispositivo do poder-saber:

- *A medida – como função da ordem, um saber matemático – físico;*
- *A enquête – como meio de recenseamento e centralização, um saber estatístico e;*
- *O exame - como função de seleção e de exclusão, permitindo restaurar e fixar a norma.*

Sem dúvida, não era a primeira vez na história do mundo que se investiga a sexualidade e o corpo do homem. Sabe-se que desde a Grécia Antiga o corpo foi e é alvo de interesse pelo homem. Porém o século da racionalidade procurou produzir um tipo de indivíduo com um comportamento desejado pelo sistema de dominação e pelo sistema de produção capitalista emergente, fazendo nascer uma arte do corpo para sujeitá-lo.

A mulher também surge como alvo preocupante. O dispositivo da sexualidade colocou sobre a mulher desocupada, ou seja, aquela que não trabalha, os limites do mundo que a cerca e da família. Foi dado à ela um novo rol de obrigações conjugais e parentais, entre elas o fortalecimento do papel de mãe.

A sexualidade, enquanto investimento do poder, é de origem burguesa sendo estendida posteriormente ao proletariado, como forma de obediência, sujeição de classe. Como coloca Reis (2000:56)

*A sociedade capitalista não obrigou o sexo a se calar ou a se esconder, ao contrário o sexo é incitado a confessar-se e a manifestar-se, através de uma multiplicidade de estratégias onde proliferam discursos que nos convidam incessantemente a enunciar nossa sexualidade (...).*

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DA IDÉIA DE SEXO NAS TEORIAS FOUCAULTIANAS

Foucault nos mostra que em várias culturas existe uma *ars erótica* (arte erótica) e não somente o domínio de uma *scientia sexualis*, ou seja, de formas de iniciação e prazer sexuais.

Na *ars erótica*, a verdade sobre o sexo é extraída do próprio prazer, e não instituída por uma lei prescrita entre o lícito e o ilícito, o permitido e o não permitido. Esta prática é comum nas sociedades orientais e sua qualidade deve ser sentida com o corpo e também com a alma e não deve ser vista como um pecado...

*(...) o prazer é tido em relação a si mesmo. Sua duração e qualidade devem ser reverberações sentidas no corpo e na alma. Esta arte constitui-se como um saber que deve ser secreto, não como suspeita de infâmia cometida ou despudor, mas como prazer e gozo, pois segundo a tradição se assim não fosse perderia sua eficácia. (Reis, 2000: 10).*

Para Foucault (1990) em A História da sexualidade nos descreve

*O saber sobre o prazer deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objetivo, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois, segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado.*

Arte em grego se diz *techné* – técnica, então a arte erótica se constitui basicamente em um conjunto de técnicas ensinamentos secretos (rituais de iniciação e preparação erótica de homens e mulheres) que está destinado à total plenitude. Portanto o que é mais importante é o próprio bem estar do corpo e da alma. No ato sexual, o gozo perfeito é o que importa não importando o tempo. A

plenitude do prazer sexual significa o elixir da longa vida contrapondo-se à morte. Temos um exemplo clássico da arte erótica oriental que é o Kama Sutra, utilizados por muitos para descobrir novas formas de prazer.

A nossa cultura cristã européia ocidental criou uma *scientia sexualis* para melhor controlar o corpo e o sexo do homem. Assim, a *scientia sexualis* se tornou um dispositivo de sexualidade que, ao contrário da *ars erotica*, nos fala sobre o sexo, produziu uma verdade e um discurso científico sobre ele, uma tecnologia. O sexo aparece como objeto de conhecimento, de uma ciência-confissão, que através de procedimentos técnicos, ou seja, exames, interrogatórios, observação e entrevista, nos iniciam a falar, confessar. Este confessar nos revela verdades não apenas ao ouvinte mais também ao sujeito que fala; a confissão tem efeitos sobre o próprio sujeito confessor. Reis (2000:04) nos cita Foucault para explicar a *scientia sexualis*:

*A verdade e o sexo se ligavam, na forma da pedagogia, pela transmissão corpo-a-corpo de um saber precioso; o sexo servia de suporte às iniciações do conhecimento. Portanto, é a verdade que serve de suporte para o sexo e suas manifestações, aqui o difícil saber do sexo não se liga à transmissão máxima do segredo do mestre ao discípulo, mas em torno da lenta e fecunda ascensão da confiança.*

Neste movimento, a *scientia sexuali* não está dissociada da relação poder-prazer, não no sentido literal das palavras, mas sim no sentido de que existe prazer em ter poder sobre o sexo – incitar a falar a verdade, interpretá-la, instituir o normal e desviar do instituído como normal.

O sexo é colocado em discurso, é alvo de poder e saber através de estratégias que aparecem sob forma de poder sobre o corpo da mulher, à esta lhe são atribuídos dois papéis – de mãe (mulher que procria) e o seu papel negativo, o de histérica (mulher nervosa); e pedagogização do sexo da criança: inocente em relação ao que vem a ser uma sexualidade saudável, a criança é a preocupação de todos, porque sujeita a se dedicar a atividades sexuais indevidas, por isso,

perigosas. Essa pedagogização travou uma luta contra o maior risco – a prática da masturbação que foi classificado como doença, sendo uma preocupação excessiva.



*(...) a ciência tem tão pouco a nos dizer sobre a origem da sexualidade, que podemos comparar o problema a uma escuridão em que nem mesmo o raio de luz de uma hipótese penetrou. Em outra região, inteiramente diferente, é verdade, defrontamo-nos realmente com tal hipótese, mas é do tipo tão fantástico, mais mito do que explicação científica, que não me atreveria a apresentá-la aqui se ela não atendesse preciosamente àquela condição cujo preenchimento desejamos, porque faz remontar a origem de um instinto a uma necessidade de restaurar um estado anterior de coisas. (Freud apud Reis, 2001).*

Freud nos mostra parte do caminho de seu pensamento psicanalítico quando remonta ao mito platônico para compreender a natureza do instinto sexual e de suas variações com relação ao objeto do desejo. Grande parte de sua obra tem como base a sexualidade e traz em seu desenvolvimento a necessidade de vinculá-la cada vez menos ao registro reprodutivo e a recolocando dentro do campo da ética e do desejo.

A sexualidade é algo da ordem da fala e da linguagem, enquanto uma economia do gozo e do desejo se faz presente nos discursos e que não pode contrariar o registro comportamental do sexo. A relação dialética aprender-ensinar aparece de várias formas, ou seja, o desejo, o erotismo, a feminilidade dentro das narrativas, nos sonhos, nos vários modos de conhecer e nas práticas de ensinar. Isto tudo se entrelaça constituindo e materializando-se em forma de arte e de estilo que se realiza e corporifica no e pelo processo de ensinar. O que não dispensa uma viagem e o cotidiano da vida de cada indivíduo.

A presença viva de uma experiência erótica no ato de educar é indispensável para o destino dos indivíduos que aprendem – os educados – e para aqueles que

ensinam – os educadores – porque é neste pensar no prazer, no desejo e na superação das condições que conferem ao corpo um lugar subalterno é que leva ao educador a modificar a prática pedagógica e encarar como novo o desafio de pensar em sexualidade dentro da sala de aula. A experiência erótica tem relação com a palavra Eros que em grego significa amor e que Freud utilizava em suas teorias como o conjunto das pulsões de vida em oposição às questões sobre as pulsões de morte; ele se refere muito aos Eros platônico, da qual se utiliza para dar maior aproximação com a concepção da sexualidade. (Reis, 2000:60).

*O conceito de sexualidade na obra freudiana surge a partir da investigação das causas da neurose, passando pela definição das concepções de auto-erótica, perverso e polimorfa da sexualidade infantil, tendo por escopo a construção teórica do conceito de pulsão em sua metapsicologia, culminando com consequência da superação do ideal científico até então admitido por Freud, o modelo de uma psicanálise determinista e a adoção de uma perspectiva psicanalítica que muito mais se aproxima de uma ética e de uma estética do que de uma ciência.*

É importante destacar que os conceitos de pulsão e inconsciente que foram formados por Freud se modificaram ao longo do tempo, devido as suas experiências clínicas em conjunto a uma qualidade particular de escuta afetiva e aguçada dos acontecimentos. Nestas observações, Freud não se preocupa em fundamentar uma essência para o sexual; até porque ele não entende o sexual como algo que tem inscrição no corpo ao mesmo tempo em que sua satisfação tenha que depender de construções subjetivas.

O conceito de pulsão foi introduzido em 1905 com base nas suas análises e é definido como (Freud apud Reis, 2000) *fonte de excitação continuamente corrente ou intrassomática, diferente de estímulos enquanto excitações provenientes do exterior*; e com isso acaba também por formar o conceito de sexualidade polimorfa e a tese sobre sexualidade infantil.

Freud em seus três ensaios sobre a teoria sexual desmonta as construções que supunham a sexualidade como intuitiva e possuidora de uma espécie de

comportamento pré-existente. A linguagem popular é aquela que mais se aproxima da verdade, uma verdade construída a partir da biologia e da psiquiatria do século XIX. Em suas críticas existe uma concepção de sexualidade que se define em

*uma articulação com a heterossexualidade pertinente a uma dimensão reprodutiva-biológica e que nega toda e qualquer outra possibilidade de arranjo – a sexualidade infantil e senil e os outros desvios – homossexualismo e perversão. (Reis, 2000:85).*

A história sexual infantil sempre aparece seguida pelo silêncio e pelo esquecimento – surtos de amnésia – dos adultos sobre a sua própria infância, o que torna uma busca relevante sobre a função sexual na relação entre corpo biológico e corpo apresentado. Essas análises foram observadas em estudos feito na clínica para a busca da etiologia das neuroses.

Sob esta ótica, Freud formula a teoria da sexualidade infantil onde é encontrado um novo desdobramento com a descoberta do corpo erógeno que se constitui a partir do corpo originário e também com o conceito de pulsão sexual.

As crianças são sinceras e repetem tudo aquilo o que lhes foi causado, seja ruim ou bom...

*As histórias ouvidas, as músicas cantadas, os sons inesperados, os cuidados as carícias recebidas, a violência sofrida, o amor e o desamor, o prazer e o desprazer, certamente são marcas pregnantes que vão direto ao nosso corpo, encamando-o, desencarnando-o; encantando ou desencantando. Assim, se formam os silêncios e os silentes; os esquecimentos e os esquecidos, a partir dessa iniciação que se faz na infância, tanto no prazer como na dor e no medo. (Reis, 2000:59).*

Caminhando com as trajetórias de análise de Reis em sua tese de Doutorado, posso indicar que Freud encaminha seus estudos no sentido de

distinguir o sexual do genital e ampliar teoricamente a sua visão sobre o que é a sexualidade, e é com a descoberta do corpo erógeno que se constrói a idéia da libido do eu. O corpo erógeno somente se apóia ou é articulado sobre o corpo vivo, corpo singular que recebe uma nova organização diferente daquela do saber médico-fisiológico. Assim Freud amadureceu suas teorias partindo do campo da sexualidade e da fantasia, onde irá fortalecer suas convicções de que o sujeito é o suporte para seus trabalhos. O corpo erógeno é visto por Freud não como instintual ou assujeitado ao natural, deixa de ser um corpo teorizado como força de trabalho e se torna um corpo voltado para o prazer. A força de um corpo erógeno que se cria e se recria está presente em tudo àquilo que esquecemos, ou seja, aquilo que insistimos em não lembrar, como por exemplos as lembranças de infância que muitas vezes são reprimidas ou causam transtorno na vida adulta do indivíduo. Freud aceita a idéia de que pela literatura e pela arte pode-se ajudar a dar significado à estranha intimidade humana.

É na relação com o outro, ou seja, o adulto-criança, é que o adulto apela para o seu lado criança para se sentir adulto e poder provar o gosto das experiências e encantamentos que nos trouxeram à vida mental, contudo *não devemos, desprezar o fato de existir uma produção de prazer provinda de outra fonte.* (Freud, 1920).

Portanto é nos estudos dos sonhos que Freud confessa que a sexualidade, tanto para ele como para seus pacientes, não é algo pronto e acabado, muito pelo contrário, ela é resultado de uma síntese de diferentes pulsões que atuam sobre o corpo criando uma multiplicidade simbólica, o que nos afasta de pensar nos corpos como caminho da anatomia e da biologia.

No livro *Pulsões e seus destinos*, ainda pesquisados por Reis escrito por Freud em 1915, esse autor nos apresentam uma noção de conjunto de pulsão, o de representante psíquico das excitações oriundas do interior do corpo que chegam até a mente, ou seja, uma fronteira entre o psíquico e o somático. O objeto de pulsão é variável e contingente, com metas múltiplas e parcelares e que estão intimamente ligadas às suas fontes somáticas. A única finalidade da pulsão é a satisfação. O conceito de pulsão veio para desbancar o conceito de instinto, porém por um outro lado o conceito de pulsão encontra-se em estado polimorfo, tentando retirar a tensão que está somente ao nível corporal, e que se ligar em objetos e modos de satisfação, o que torna o sujeito fortemente individualizado.

Com base nos seus trabalhos clínicos, Freud pode observar que tudo que leva ao paciente ao esquecimento gira em torno do sexual, o que serve de base das neuroses, ou seja, as lembranças vão se apagando e tornando tudo, tanto pela visão como pela audição, em fantasia, com explica Freud (1897).

*(...) adquirir uma noção segura de estrutura da histeria. Tudo remonta à produção de cenas do passado. A algumas se pode chegar diretamente, a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamento deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal.*

Sendo assim, a sexualidade é formulada como uma demanda especificamente humana que não tem limite no corpo biológico ou do instinto. Passa a se articular por outra dimensão: a da representação e do prazer/desprazer.

A psicanálise rompe com a questão do instinto e cria um novo campo de saber – a pulsão sexual – para que tal campo possa existir precisa-se de duas fontes geradoras de energia: o instinto sexual e a libido. A pulsão pode sofrer derivações que passam pela transformação da força pulsional da atividade até a passividade, seu retorno à própria pessoa, o recalque e a sublimação. Para trabalhar a força pulsional da atividade à passividade é preciso se utilizar de duas referências: a modificação da atividade e também a inversão do conteúdo, ou seja, significa que a pulsão para não se esvaziar por completo precisa de um outro corpo, através do qual o retorno pulsional se realize.

No livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* Freud nega a ausência das pulsões no conceito de sexualidade infantil devido a nossas reminiscências, ou seja, é tudo aquilo que está guardado dentro de nossa memória e é a partir dessa reminiscência que se descobre o corpo erógeno e...

*a sexualidade é entendida como reguladora dos destinos do prazer e da dor de cada sujeito e, o corpo erógeno só se constituirá apoiado ou inscrito ao corpo vivo, receberá uma nova ordem organizadora, distinta do corpo estabelecido pelo saber médico-fisiológico e normatizado pela sexologia. (Reis, 2000:60).*

Com a afirmação de que pulsão enquanto força não é nem consciente e nem inconsciente, como Freud nos descreve nos livros *o recalque* e *O inconsciente*, ocorre uma inversão dentro do quadro teórico, que tinha sido apresentado antes como o inconsciente sendo o núcleo; e agora passa a ter um conceito de pulsão como fundamento para a sua psicanálise.

O conceito de recalque tem como teoria a noção de defesa e ainda o conceito de inconsciente que se apresenta a partir da representação, porém só será melhor trabalhado quando se unir a idéia de existência da pulsão de morte, esta sendo representada como superação do conceito anterior de pulsão e metáfora do silêncio, obrigando o sujeito a novas verdades de dizer e enuncia.

## 2.4 DE ONDE VIEMOS?

Para Freud esta era a pergunta da qual estava em primeiro plano para o estudo da sexualidade infantil. Esta pergunta somente aparece com uma pressão pulsional causada pela presença do outro, que normalmente é um irmão. E a partir daí que começam a surgir novas ameaças como o medo de perder a mãe para esse novo outro organizador pulsional.

*(...) merece nosso mais alto interesse o impacto de uma situação pela qual todas as crianças estão destinadas a passar e que deriva de maneira necessária do fator cuidado prolongado e da convivência com os pais. Refiro-me ao complexo de Édipo... O primeiro objeto erótico para a criança é o peito materno nutridor; o amor se engendra apoiada na necessidade de nutrição satisfeita. Por certo que no começo o peito não é distinguido do próprio corpo, deslocado para "fora" por menos freqüência com que a criança o acha, carrega consigo, como objeto, uma parte do investimento libidinal originariamente narcísio. Este primeiro objeto é depois completado na pessoa da mãe, a qual não só nutre, senão também cuida e provoca na criança tantas outras sensações corporais, tanto agradáveis como desagradáveis. No cuidado do corpo, ela se torna a primeira sedutora da criança. Nestas duas relações reside a raiz da importância única da mãe, que é incomparável e se fixa imutável para toda a vida, como o primeiro e mais intenso objeto do amor como arquétipo de todos os vínculos posteriores de amor... em ambos os sexos. (Reis, 2000:62).*

O corpo da mãe é visto como mediação para se construir o corpo erógeno filial que estão misturados entre os registros do sentido e da força pulsional já que a libido e as pulsões avançam até os diferentes desejos e aos vários objetos que constituem esses desejos.

Dentro do campo científico, a criança é vista como ingênua e angelical e com uma base imatura biológica e também imatura na inexistência de hormônios sexuais, porém para Freud a criança seria sexualizada quando sua subjetividade fosse permeada pelas pulsões sexuais. Para ser entender melhor a criança

sexualizada deve-se conhecer o conceito de sexualidade infantil que tem como base o conceito de perversão. Tal perversão é denominada por Freud como perversidade que é polimorfa e surge como conceito, que indica a sexualidade existindo desde o nascimento do sujeito, em diferentes formas e manifestações, materializando-se também em diferentes modalidades, podendo ocorrer em qualquer idade cronológica e está independente dos processos hormonais.

Freud coloca a sexualidade dentro do campo do desejo, que tem como fundamento a satisfação e o gozo e o que caracterizaria o sujeito como aquele que teria a possibilidade de desejar; sendo este desejo determinado pelo saber e pela pressuposição da presença do um outro.

Em crítica ao processo civilizatório, Freud conforme citado por Reis

*(...) argumenta que o mesmo se realizaria pela imposição de um modelo de circulação pulsional em que prevaleceria o recalque, a sublimação e a perversão sob a égide da reprodução biológica e não do corpo erógeno e da perversidade polimorfa que pouco a pouco foi sendo interdita, ou seja, primeiro esta teria surgido em seu estado puro entre as pessoas, depois reprimida por estar subsumida à reprodução e a seguir, transformada em casamento heterossexual de modo a legitimar socialmente as trocas sexuais. (Reis, 2000:64).*

Com isso Freud se mostra a favor do múltiplo contra a unidade, criticando a sexualidade como única fonte de reprodução da espécie e reguladora do gozo e do prazer, mostrando também que o prazer sexual não ocorre somente através do outro e de sua genitália, já que estes seriam apenas um dos objetos de desejos e eróticos, apontando que o corpo humano é permeado por diversas possibilidades eróticas e o aparelho genital perde seu valor sexual quando utilizado somente para certas finalidades. Freud circunscreve uma geografia erótica do corpo humano, demarcado por várias e diferentes zonas erógenas. O que acontece aqui é que o corpo erógeno não está ligado à idéia de unidade ou totalidade, mas sim a idéia de separação e fragmentos e que vai a busca do incompleto e do parcial.



O que é fundamental destacar dentre as obras de Freud é a importância ao que foi esquecido nos indivíduos – **sua infância e sua sexualidade**.

Com total autonomia relativa conferida à função pulsional dentro do discurso freudiano, o conceito de pulsão de morte toma novos rumos e se torna o centro para o chamado registro da economia pulsional, que vai nos mostrar os impasses e impossibilidades da atividade analítica e também vai nos mostrar os avanços da maturidade freudiana e é a partir daí pode-se pensar em uma estética e uma ética para a psicanálise. O registro da economia pulsional se fundamenta nas dimensões de afeto – *o afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações; podendo se apresentar a partir de qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável; vago ou qualificado; quer se apresenta de forma de descarga maciça quer como tonalidade geral (Reis, 2000:67)*. – e é através desta dimensão que o sujeito produz uma mobilidade mental capaz de impedir o cancelamento psíquico responsável pelo poder criativo e crítico.

A criança é impossibilitada de dominar e fixar suas pulsões por não total controle sobre a movimentação pulsional que é a base de todo o pensamento psicanalítico que para Freud é atribuída a uma carência fundamental do sujeito; a sua prematuridade a função pulsional ao nascer é o que a coloca sempre dependente do outro.

*Na genealogia da representação, do sentido e do sujeito, é sempre o Outro que pode permitir que a força pulsional possa inscrever-se nos campos do objeto e dos representantes, sendo sua ausência aquilo que vai determinar, o que Freud enunciou como teoria da dívida simbólica que traz por fundamento um sujeito marcado pelos registros dialógico e alteritário, o que vale dizer: para se construir enquanto tal, o sujeito contrai uma dívida para com o outro que lhe possibilitou a existência. Questão que torna evidente o fato de que o sujeito para a psicanálise não se confunde com a idéia de individualidade proposta pela tradição positivista, na medida em que, sem o outro que lhe transcende, o sujeito jamais poderia se constituir (...) (Reis, 2000: 68).*

Na concepção freudiana, a dívida simbólica traz consigo a prematuridade humana, ou seja, por ter uma incapacidade biológica de viver no mundo sem o auxílio do outro até que se torne independente, o indivíduo depende exclusivamente do outro (que geralmente é a presença da mãe) que lhe oferece condições de sobrevivência, o que Freud denominou como sedução que tem como caráter precisamente erótico, devido ao erotismo ligado às figuras parentais. Com isso a idéia de reprodução biológica tendo como único ponto de prazer à genitália se contrapõe a reprodução simbólica onde a sexualidade seria perverso-polimorfa, sem ter como objeto central a genitália.

O denominado complexo de Édipo foi formulado para dar conta da problemática da filiação e da reprodução simbólica, demarcando a presença de processos de identificação e da diferença sexual que impõe ao sujeito o reconhecimento autoritário, portanto, impõe-se a ele a perda de toda e qualquer realização dos seus desejos. Questão que coloca o discurso freudiano dentro de uma nova dimensão problemática – a concepção de feminilidade que se organiza intimamente ao conceito de desamparo. A feminilidade não se caracteriza com o pensado correspondente feminino, é entendido como a forma difícil de ser do sujeito, pois a fragilidade e a incompletude humana se tornam as formas mais primordiais do sujeito.

A feminilidade se enuncia na linguagem do erotismo e revela o que existe de erógeno na incompletude e no desamparo, é sua face criativa e positiva, ou seja, é quando existe a possibilidade de reinvenção permanente do cotidiano pelo sujeito já a incompletude e o desamparo se enunciam para a dimensão da ética e da estética. Ela nos dá consciência de uma incompletude original enquanto o Eros nos dá a necessidade dessa completude.

*(...) o erotismo humano se funda no desamparo e na feminilidade, por isso devemos reconhecer que somos desamparados por vocação, na medida em que este nos remete permanentemente para o erotismo, num movimento infinitamente marcado pela circularidade. (Reis, 2000:74).*

Por fim, temos a feminilidade sendo uma síntese de um conjunto de significantes sobre a sexualidade, tendo sido concebida como forma primordial da sexualidade. Ela e o desamparo originário dos sujeitos são os conceitos que reúnem em um todo todos os atributos sobre o erotismo e...

*(...) se o que nos move no erotismo é a certeza de nossa incompletude, já que a completude a ser oferecida pelo Outro se constituiria em uma utopia, uma pequena morte realizada na pontualidade do gozo, concluir ou terminar algo, como esse texto que escrevo estaria na ordem do impossível, por isso, para não concluir, ponho em destaque, ainda, algumas observações sobre o Eros em seu entrelaçamento com o processo educativo escolar. (Reis, 2000:77).*

É a partir do Eros que entramos na linguagem ligadas as nossas emoções, ao nosso amor, ao nosso prazer e as nossas paixões que nos constrói enquanto seres incompletos, onde a falta é o núcleo do desejo, que só é descoberto quando nos conhecemos e nos tocamos e também quando somos tocados e afetados pelos outros.

## CAPÍTULO 3

# A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE PELOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

### 3.1 A SEXUALIDADE INFANTIL

Dentre as crianças da educação infantil, a palavra sexo é totalmente abolida do seu pequeno vocabulário, assim pensam os pais porque formam ensinados que o sexo é feio e coisa que não se deve falar com os filhos. Parecem desconhecer de onde vem sua origem, tampouco conhecendo que ela está em todas as partes, incitando a falar sobre ela e com isso, colocando-a sobre controle, dentre esses os meios, meios de comunicação tais como: a Internet (que hoje em dia é bastante utilizada pelas crianças); em determinados livros e bastante explorado pela televisão. Enfim, são de livre acesso a eles e, os pais acabam achando que eles ainda não possuem maturidade suficiente para tratar de certos assuntos o que é, certamente, um grave engano. A geração anterior era muitas vezes, punida, e repreendida, caso mencionasse ou quisesse saber alguma coisa a respeito da sua sexualidade. A atual é bombardeada pela estimulação precoce e pela erotização banalizada.

A criança nessa idade começa a questionar: de onde eu venho? Como o bebê entra dentro da barriga da mamãe? E, outras questões relacionadas a sexualidade; começam a aparecer: a descoberta do seu corpo, ao tocá-lo e até mesmo sentir prazer com ele. O que não se deve, e nem pode ser recriminado severamente ou ignorado pelos pais, responsáveis ou professores, pois a criança poderá equivocadamente entender como algo que é proibido e que não deve ser feito. Talvez, por isso, muitos adultos têm medo de tocar seu próprio corpo e sentir prazer por ele mesmo. As respostas a serem dadas devem ser de total espontaneidade e com o máximo de comprometimento com a verdade, pois será a base sólida para se tomar um pensamento já direcionado a sua vida sexual, as suas fantasias e desejo quando adulto.

A forma de como se trata o tema sexo com as crianças deve ser bastante clara porque não adianta esconder deles coisas que mais tarde saberão por outros meios ou por outras pessoas de menos confiança que os pais, que por sua vez pode ser uma informação inadequada ou contrária daquilo que estes pretendem ensiná-

los. A tendência é de que quanto melhor o adulto tenha experiência sexual tranqüila mais natural será sua reação às explorações espontâneas infantis.

Os pais se dedicam com entusiasmo a vivenciar a sua própria sexualidade – nem sempre, porém, com sucesso – e, quando são abordados pelos filhos pra orientá-los se defrontam com algo que nem sempre está suficientemente resolvido ou confortável em suas próprias vidas.

*(...). A melhor maneira de tratar o tema "sexualidade" é com honestidade e franqueza. E, na medida do possível, começar a abordar a questão logo que nos fizerem a primeira pergunta sobre sexo. Não disfarçar, não mudar de assunto, não fugir. Se, desde cedo, as crianças perceberem que este é um tema natural, como outro qualquer, terão também segurança para tratar de suas dúvidas e incertezas com os pais. Se não houver esta naturalidade e franqueza, elas logo perceberão e procurarão novas fontes de informação, que considerem mais convincentes (Fagury, 1999:169).*

Existem algumas questões que devem estar clara<sup>s</sup> para os pais no momento em que forem conversar com seus filhos:

- esclarecer somente os aspectos relativos à pergunta;
- não transformar uma simples resposta em uma aula de sexualidade;
- evitar demonstrar atitudes que demonstrem que estão sem graça ou encabulados ao lidar com o assunto;
- responder de forma clara, simples e objetiva sem ficar fazendo "rodeios";
- caso os pais tenham algumas regras a serem seguidas que isso fique bem claro porque é importante que os filhos saibam da postura e da posição deles em relação ao sexo, porém é importante deixar claro que existem pessoas que pensam e agem de forma diferente.

O mais importante é fazer de seu filho seu amigo, alguém em quem ele possa confiar e resolver questões que estão em conflito e para resolver esses problemas somente uma conversa franca e de total veracidade dos fatos.

A relação da sexualidade infantil tem como principal aspecto o apego emocional e amoroso com a mãe, como nos mostrou Freud no capítulo passado e dentro de sala de aula a professora que demonstrar ao seu aluno esta mesma segurança e conforto que encontra ao "sair de casa"

A partir da conceituação da sexualidade e do reconhecimento de sua importância no desenvolvimento global, serão apontados as possibilidades e os limites da atuação nesse campo para os educadores.

A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, ou seja, dentro do seio familiar. Sendo de forma explícita ou implícita são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam.

Cabe a escola, pública ou particular, abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existente na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência. Neste sentido, o trabalho realizado pela escola não substitui nem concorre com a função da família mais sim a complementa. Constitui-se num processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando, se não uma insenção total, ou uma condição de maior distanciamento pessoal por parte dos professores para empreender essa tarefa. Cabe ao educador codificar tais informações e assessorar melhor os educados para melhor saberem como lidar com as informações recebidas. Propõe-se que a escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade com as crianças. Trata-se de preencher lacunas nas informações já possuídas pelas crianças e criar novas possibilidades de formar conceitos concretos dentro de suas descobertas sexuais. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicar os diversos valores associados à questão da sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

### 3.1 A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE NA ESCOLA

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – formação pessoal e social – *a sexualidade tem grande importância no desenvolvimento na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. (1998:17)*

As manifestações da sexualidade infantil mais freqüentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, como por exemplo a masturbação, na curiosidade sobre o corpo de outro, na hora de ir ao banheiro e até mesmo no banho, nas brincadeiras com os colegas, nas perguntas ou ainda na reprodução de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta que às vezes são vistas pelas crianças sem que os adultos percebam.

No espaço doméstico, os familiares atribuem seus próprios valores a essas manifestações, por meio das mais variadas posturas. Alguns reconhecem como legítimo o desejo da criança, outros o consideram nocivo.

Essas manifestações também acontecem no âmbito escolar e é necessário que a escola se posicione claramente e conscientemente sobre referências e limites com os quais irá trabalhar as expressões de sexualidade dos alunos.

Essas manifestações são bem freqüentes em crianças de ciclos iniciais que manipulam seus genitais e fazem brincadeiras que envolvem o contato corporal nas regiões das genitais, que acaba sendo a masturbação o que é normal e freqüente. Ela nada mais é do que o emprego de um recurso natural para a satisfação e, conseqüentemente, contra a frustração e a raiva, o ódio e o medo que se seguem a isso. Na verdade, faz parte da auto-descoberta da criança e da verificação de que a estimulação dos genitais provoca sensações agradáveis. Uma vez descoberta, ela pode ser continuada e costuma ser mais freqüente em épocas de tensão, stress, tédio, monotonia ou para induzir ao sono, portanto a intervenção do educador deve se dar de forma a apontar a inadequação de tal comportamento às normas de convívio escolar e social. Cabe ao educador compreender que não se trata de aberração que justifique informar aos pais sobre tais fatos, devendo a própria escola estabelecer diretamente com seus alunos os limites para o que pode ou não ocorrer dentro dela. A chamada dos pais só deve ocorrer quando tal prática for muito recorrente e que esteja interferindo no aprendizado do aluno. É importante lembrar

que para criança não é preciso ter presenciado cenas ou representações de sexo, nem ao vivo ou por algum meio de comunicação, para que se envolvam em algum tipo de exploração do sexual, isto pode vir a acontecer exclusivamente por curiosidade e desejo o que é normal no processo de desenvolvimento.

*Após uma fase de curiosidade quanto às diferenças entre os sexos, por volta dos cinco e seis anos, a questão do gênero ocupa papel central no processo de construção de identidade (idem, 1998:20).*

A questão do gênero ocorre quando se define o sexo como feminino e masculino; o homem e a mulher; o menino e a menina, e ao se perceberem deste modo, como menino e menina, começam a notar não somente características culturais diferentes, como por exemplo: cor de roupa, brinquedos, atividades e brincadeiras como também são notadas diferenças nas características físicas, a diferença do corpo do menino e da menina o que acaba refletindo nas interações entre eles mesmos, como a separação espontânea de dois grupos bem distintos: o grupo dos meninos e o grupo das meninas. Como prova disso, dentro da própria sala de aula ocorre isso, a todo o momento, a separação natural de menino e menina, onde a cor a ser usada representa a diferença gênero, onde as brincadeiras possuem cada grupo diferenciado e assim por diante e é somente a partir dos oito anos, onde surge o período das paixões, é que começa a entender um pouco como realmente isso, e acontece que a divisão por si mesma diminui.

A curiosidade a respeito das diferenças anatômicas é evidente, mesmo em crianças mais novas, na hora do banho ou ao olhar o pipi do outro. Esses jogos sexuais ocorrem devido à curiosidade que a criança tem a respeito dos adultos, de como eles diferem das crianças e de como são feitos os bebês. Têm crianças que tomam banho junto com os pais é essa curiosidade fica ainda maior o que aumenta também a diferença pelos genitais das outras. As crianças farão explorações mais sérias dos corpos umas das outras. Brincar de "médico ou enfermeira" é sempre uma forma útil de satisfazer essa curiosidade, ou ainda uma brincadeira de "pegar no pipi". Dentro das escolas, a hora de usar o banheiro é dividida e cada um tem banheiro separado para justamente não intensificar essa curiosidade natural. Uma



certa dose de tais atividades é normal. O preocupante é a compulsão com crianças que fazem isso o tempo todo.

É importante uma investigação mais detalhada porque existem formas menores do que o abuso sexual de estimular exageradamente as crianças. Estas que não foram protegidas de filmes de adultos ou das atividades sexuais dos adultos ficam excitadas e desnorteadas e acabam encenando isso com frequência. Elas precisam ser notadas, porque precisam de atenção e possivelmente de proteção e carinho e cabe ao professor notar e ajudar a criança a lidar com esse tipo de problema esclarecendo suas dúvidas e encaminhando seus pais para uma conversa onde pode se explicar que tais práticas realizada na frente das crianças prejudicá-la no desenvolvimento sexual.

Mesmo sabendo que somos seres sexuados e que, portanto, a sexualidade está na base do milagre da vida, este tema ainda continua assustando, intimidando e criando polêmicas. E mais, permanece um tabu para boa parte das pessoas.

Para que isso ocorra, pais e educadores devem, eles próprios, desvencilharem-se de seus preconceitos e buscar conhecer seus bloqueios e limitações. Só assim estarão aptos a oferecer a criança condições adequadas para a efetivação de seu auto conhecimento, numa relação lúdica e aberta.

Trabalhando junto às crianças sem meias verdades e compartilhando experiências, estaremos formando seres mais completos. Em última instância essa atitude possibilitará indivíduos maduros, mais responsáveis com seus corpos e suas vidas.

A orientação sexual, em primeiro lugar não é uma disciplina que deve ser ministrada de maneira convencional, em uma aula de 50 minutos, onde o aluno ouve, anota e silencia, ou seja, ela não pode ser um momento estanque na vida do aluno. A educação sexual deve ser encarada como um processo ativo e dinâmico, que deve estar presente na escola, em casa e em todos os meios sociais em que a criança vive e para crianças de todas as idades porque não existe a idade certa para se ensinar algo que será para o conhecimento futuro. Deve ser interdisciplinar e permanente na busca de um auto conhecimento corporal, estabelecendo conceitos referentes às relações entre os seres humanos. Isto proporciona a compreensão das interações homem/mulher e, estes com seu meio, sua cultura e sua época.

Nossos alunos precisam de informações biológicas, mas não querem somente essas que não sacia sua curiosidade para outros aspectos, então é melhor que sejam esclarecidas questões dentro do lugar certo, no momento certo do que dentro de um contexto social diferente com idéias diferentes daquelas que achamos certa seguir, pois a sexualidade irá surgir a qualquer momento.

E essa sexualidade vem a partir do desejo que cada um necessita para descobrir o seu corpo e o corpo do outro, seja ele criança ou adulto, uma necessidade básica para todos nós e não cabe a nós julgar as pessoas pelos atos que cometem. Muitas outras coisas ainda acontecem enquanto somos crianças: descobrimos as sensações de prazer que nosso corpo pode nos proporcionar, e só

assim é que vamos entendendo os valores e os papéis sociais ligados ao nosso sexo, e nos informam como deve se comportar um menino ou uma menina na nossa sociedade. E é por causa dessa sociedade que reprime a sexualidade e esconde o qual delicioso é o prazer em amar o seu corpo e amar o corpo do outro que nós, como educadores devemos ajudar a mudar esta visão passando aos nossos alunos uma sexualidade mais franca e aberta.

## BIBLIOGRAFIA

- BIRMAN, J. Cartografias do feminismo. Erotismo, Desamparo e Feminilidade. São Paulo: ed. 34, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Versão PCNS – 1º e 2º ciclos/ agosto de 1996 e Versão PCNS – 2º e 3º ciclos/ outubro de 1997.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FAGURY, Tânia. Encurtando a adolescência – Orientação para pais e educadores. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade I: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979. (Cap. XII e XIV).
- PAIVA, J.R. Educação Sexual. Rio de Janeiro, 1984.
- REIS, M.G.S. A sexualidade e os escolares da educação fundamental: entre a vontade de saber e o cuidado de si. ANPED 23ª reunião anual, 2000.
- RIBEIRO, M. (org.) Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1993.
- \_\_\_\_\_. O Prazer e o Pensar. São Paulo, Editora Gente, 1998.
- SANTOS, J.V.T. Michel Foucault: um pensador das redes de poderes e das lutas sócias. Porto Alegre, 1996.
- \_\_\_\_\_. Sexualidade infantil e perverso polimorfa. 2000. 78 f. Tese para o exame de qualificação com pré-requisito ao título de Doutor em Educação. 2000. Universidade Federal Fluminense – UFF – Rio de Janeiro.

- \_\_\_\_\_ . A (re) invenção da escola pública: Sexualidade e formação da jovem professora. Exame de qualificação com pré-requisito ao título de Doutor em Educação. 2001.158 f.
  
- ZENTI, Luciana e GENTILE, Paola. A vida invade a escola. Revista Nova Escola. São Paulo, p.18-25, abril de 2001. Disponível em: <<http://www.novaescola.com.br>>